

# Moratória à discussão *inda Ed*

O senador Murilo Badaró desencadeou, esta semana, no bojo do partido governista, uma discussão a céu aberto em torno do tema que vem crescendo como possível desaguadouro de nossa dívida externa: a moratória. Outros políticos, se bem que da Oposição, já haviam tecido considerações sobre o assunto, mas a forma de apresentação, dando idéia de um provável descumprimento de nossas obrigações internacionais, não permitiu, naquelas oportunidades, o aprofundamento das análises em outros segmentos da vida nacional. Teve o senador mineiro a sensibilidade de provocar o debate de tema técnico em ambiente político, sem a preocupação de inovar em matéria econômico-financeira. Isso lhe custou contundente crítica por parte de economistas da Secretaria do Planejamento, que se ativeram à proposta do senador (que mais se assemelhou a uma negociação para o reescalonamento da dívida. Não prima Murilo Badaró por soluções econômico-financeiras e nem por isso ele foi guindado ao Senado da República. Sua coragem foi a de levar para dentro do PDS a discussão política da moratória, por ele caracterizada como fórmula de o País honrar seus compromissos. E nem um dia havia se passado desde a revelação da iniciativa do senador pedessista, quando o deputado Ulysses Guimarães, presidente do maior partido da Oposição, foi enfaticamente positivo quanto ao apoio que daria ao Governo, no caso de decretação da moratória. Deu Ulysses a exata dimensão que o problema requer ao manifestar sua decisão de iniciar consultas a todos os segmentos da

sociedade e, em especial, aos partidos políticos, aí incluído o próprio PDS. Absteve-se ele de qualquer proposta de ordem técnica, mantendo-se nos estritos limites da negociação política, campo em que se desenvolve com rara competência. "A decretação de uma moratória precisa de sustentação política e esta só poderá ocorrer através de um amplo entendimento", sentenciou o presidente do PMDB, para completar (a respeito das negociações que se processam em torno da dívida externa): "O maior erro é que todas essas negociações estão sendo encaminhadas como uma questão técnica e não política". Feriu, aí, o político paulista o principal defeito, caçoete arraigado, dos últimos governos, influenciados profundamente pela casta dos economistas e planejadores sociais. Está consciente a sociedade brasileira das perspectivas, cada vez mais concretas, de uma moratória. Negada oficialmente, a medida é comentada com detalhes por funcionários graduados que exigem o anonimato por parte da imprensa. "Em moratória, de fato, o Brasil já está", desabafou o economista Celso Furtado, para quem não haverá outra alternativa, dentro do atual estado de nossas finanças e do prazo de nossos compromissos internacionais. As desconstruídas informações e a falta de envolvimento do mundo político em assunto de tamanha magnitude faz presumir que, mais uma vez, será a sociedade chamada a assumir sacrifícios. Ainda há tempo de o Governo lançar o tema à discussão, quando mais não seja para uma preparação psicológica adequada.